

Toscanini, regente da genialidade

A vida do maestro italiano, morto em 57, é tema do novo filme de Franco Zeffirelli, cuja autoria do argumento gerou uma disputa entre o cineasta e o escritor Guilherme Figueiredo

ANTONIO GONÇALVES FILHO

Da Reportagem Local

Que ninguém ouse dizer que essa briga entre o cineasta italiano Franco Zeffirelli, 52, e o escritor Guilherme Figueiredo, 71, sobre direitos autorais e troca de insultos, não iria agradar o maestro italiano Arturo Toscanini (1867-1957), pivô da discussão. Ele adoraria saber que todo esse rebo está sendo causado em seu nome — Figueiredo acusa Zeffirelli de apropriação indébita de um argumento seu sobre o maestro, que o cineasta pretendia utilizar em seu novo filme, "O Jovem Toscanini", cujas filmagens devem começar no final de março. Afinal, segundo seu biógrafo, Robert Charles Marsh, uma das principais características do regente era sua extrema vaidade.

Tão vaidoso era o jovem Arturo que, mesmo sendo tão míope como mister Magoo, recusou colocar sobre o nariz um par de óculos aos 90 anos. E, além de míope, o genial maestro faria Mae West corar de vergonha com sua língua afiada. Vivia insultando os músicos das orquestras que dirigiu, mandando que eles fossem tocar em cabarés ou em outros locais cuja reprodução dos nomes é imprópria para um jornal. Quando estava de bom humor, dizia que eles tocavam violoncelo como porcos roçando a pança. Quando estava numa "trip" autocrítica, se esbofeteava, chamando a si mesmo de estúpido.

Certa vez, quando um violinista errou numa passagem da partitura, Toscanini mandou a orquestra parar. Chamou o instrumentista e perguntou: "Mas o que é que está fazendo? Não sabe ler? Não tem vergonha? Veja o quarto compasso, não são terças? Então que diabo está fazendo? E o senhor ainda acha que pertence à orquestra do Scala? O senhor é um assassino, uma vergonha. É um asno". Era o bicho que ele mais adorava. Tanto que vivia repetindo: "Qualquer asno pode pegar numa batuta. Fazer música é outra coisa".

Como se vê, Zeffirelli, mesmo chamando Figueiredo de "ignorante" e "maluco", é uma moça educadíssima perto do "jovem Arturo", cuja vida pretende retratar. Pena que não tenha dado, até o momento, provas de genialidade, como o maestro Arturo Toscanini, que praticamente iniciou sua carreira como regente na terra do pau-brasil, nos idos de 1876, aos 19 anos.

Nasce uma estrela

A história é manjadíssima, mas não custa repetir. Filho de um alfaiate garibaldino, Claudio Toscanini, Arturo se formou no conservatório de sua cidade natal, Parma, aos

18 anos. Um ano depois veio ao Brasil como segundo violoncelista de uma pequena companhia de ópera. Na ocasião, o maestro e compositor Leopoldo Miguez estava regendo a ópera "Aida", de Verdi (1813-1901), no teatro Lírico, do Rio, e quase foi massacrado pelo público, que exigia aos gritos a devolução dos ingressos.

O senhor Rossi, dono da companhia de Ópera Cláudio Rossi, ficou desesperado. Não queria perder seu rico dinheirinho e mandou chamar um músico que estava de folga naquela noite em que Miguez, culpando os cantores, não queria entrar no palco. Era o jovem Toscanini. Entrou como uma estrela no palco do Lírico, jogou a partitura no chão e regeu de cor a ópera de Verdi. Delírio total. Regeria, ainda mais dezoito óperas no Rio antes de voltar à Itália e se tornar, em 1898, primeiro diretor artístico do Scala de Milão.

O homem era terrível. Na primeira vez que dirigiu a orquestra do Scala, um tenor estrangeiro, pretendendo brilhar mais que o maestro, começou a se exhibir. Colérico, Toscanini abandonou o palco e quase não sobe para o segundo ato da ópera. Outro tenor, atendendo um pedido de bis, reprisou a ária "È scherzo o è folia", da "Ballo in Maschera", de Verdi (a ópera que o maestro mais adorava), e Toscanini quase o fez engolir as notas. Ele odiava intervenções do público. Especialmente pedidos de bis.

Mestre supremo

Pelo jeito, as constantes brigas com tenores deixaram Toscanini irritado. Resolveu viajar e, em 1908, estreava no Metropolitan Opera House de Nova York (costa leste dos EUA). Foi um triunfo. Ficou nos Estados Unidos até 1915, retornou à Itália e fundou a sua própria orquestra, antes de reabrir o Scala de Milão, em 1921, ao qual permaneceu ligado até 1929. Mas seriam duas orquestras norte-americanas, a Filarmônica de Nova York e a National Broadcasting Company, que o tornariam célebre e com as quais realizou suas melhores gravações.

Foi em seu último concerto frente à Filarmônica de Nova York, em abril de 1936, que Toscanini recebeu o maior elogio de sua carreira, cujo período mais brilhante vai de 1920 a 1940. Na platéia, Leopold Stokowski, o famoso maestro. Ao final da apresentação, em sinal de reconhecimento, Stokowski diz que Arturo é "o mestre supremo de todos os maestros". Não era pouco, numa época em que reinavam Furtwaengler e Bruno Walter.

Para Toscanini, o elogio vinha numa fase particularmente triste de sua vida. Três anos antes, isto é, em 1933, havia recusado reger a orquestra de Bayreuth, templo de Wagner, na Baviera (sul da Alemanha), em

protesto contra os nazistas. Tinha escolhido o auto-exílio, imposto por não concordar com os camisas-pretas de Mussolini, porque, em 1931, revidou a socos as agressões dos fascistas, que queriam obrigar o maestro a tocar a "Marcia Reale" na ópera de Bolonha. Não tocou e jurou que só voltaria à Itália quando sua pátria estivesse livre. Voltou no dia 11 de maio de 1946, para retomar seu lugar no Scala de Milão. Nomeado senador perpétuo em dezembro de 1949, recusou a honra e voltou aos Estados Unidos, para tratar do joelho, machucado num acidente.

Seu último concerto aconteceu no dia 4 de abril de 1954. Deprimido e

cansado, Toscanini encerrou sua carreira com um recital dedicado a Wagner (1813-1883), regendo a National Broadcasting Company. Dois incidentes marcam a derradeira apresentação: sua memória de elefante falha e ele esquece uma passagem da abertura da ópera "Tannhauser", obrigando o violoncelista Frank Miller a marcar o compasso para os outros instrumentistas. Irritado, o colérico Arturo rege às pressas a última peça — a abertura de "Os Mestres Cantores de Nuerenberg" —, deixa cair a batuta e sai do palco sem agradecer os aplausos. Aos 87 anos, o perfeccionista Arturo não admitia tal falha. Afinal, os deuses não erram.



Arturo Toscanini (ao centro), seu filho Walter (à esq.) e seu neto Walfredo

Gravações que são raridades no mercado

Está para nascer um maestro que seja tão fiel às partituras quanto o colérico Arturo Toscanini. O que os olhos lhe negavam, os ouvidos tinham de sobra. Suas grandes orelhas estereofônicas ficavam vermelhas quando percebiam alguma nota dissonante, mesmo numa orquestra com 106 integrantes, como a National Broadcasting Company. Quando chegou a Nova York em 1937, encontrando-se com o presidente da NBC, David Sarnoff, fez uma observação que deixou o homem surpreso: "Você fez um ótimo trabalho com a orquestra, mas há uma exceção, o clarinetista". Sarnoff perguntou como ele havia notado a dissonância. Arturo respondeu: "Ouvindo a orquestra em meu rádio de ondas curtas, em Milão, percebi que o clarinetista tem problemas".

Foi apenas uma observação. Doze anos antes, isto é, em 1925, em Turim, Toscanini parou a orquestra duas vezes, durante um ensaio de "Nerone", por causa de um segundo violinista que sempre errava em determinada passagem. Ele não teve dúvidas. Atirou a batuta na direção do músico e, mesmo sendo míope, acertou em cheio o olho do infeliz, que quase ficou cego.

Seriam dois cegos na orquestra. Com problemas de visão, dizem que o amargurado Toscanini jamais tinha partituras à sua frente porque elas lhe seriam absolutamente inúteis. Quem quiser conhecer sua técnica, também terá dificuldades, porque o maestro jamais fazia anotações nas partituras. Com seu ouvido absoluto, memorizou, certa vez — isto em 1955, dois anos antes de sua morte — toda uma peça de Paul Hindemith (1895-1963) durante um ensaio de seu assistente Guido Cantelli. O máximo, porém, aconteceu em 1930, quando regia a orquestra do festival de Bayreuth, na Alemanha. Ele corrigiu

algumas notas dos segundos violinos e os músicos ficaram escandalizados. Como, então, um italiano ousava contestar Wagner, o deus supremo? Toscanini, para provar o erro, mandou que eles consultassem os originais dos arquivos e descobriam, afinal, que o copista havia cometido erros ao reescrever a partitura.

Repertório coerente

A parte o folclore em torno da figura do maestro, ele e Bruno Walter talvez sejam os exemplos máximos, neste século, de responsabilidade e fidelidade. A implacável lógica de Toscanini na concepção geral de seu repertório — Beethoven (1770-1827), Richard Strauss (1864-1949), Wagner (1813-1883), Verdi (1813-1901) e Puccini (1858-1924), para ficar apenas em cinco exemplos — mostra que o maestro conhecia seus limites, eliminando da lista algumas correntes musicais com as quais não se identificava (a escola de Viena, por exemplo).

Infelizmente, suas gravações não são reeditadas com frequência, até mesmo nos Estados Unidos. Vale a pena procurar algumas de suas raridades, gravadas pela RCA e fora de catálogo há pelo menos trinta anos: "Concerto N° 1", de Beethoven, com a pianista Ania Dorfmann e Toscanini regendo a NBC; "Sinfonia N° 1 em Dó Menor, Opus 68", de Brahms, com a NBC; "Sinfonia N° 6 (Patética)", de Tchaikóvski, com a NBC. As mais raras são as gravações da ópera "Ballo in Maschera", de Verdi, no Carnegie Hall, em 1954, e a gravação pirata de "Os Mestres Cantores", de Bayreuth, em 1937, com Hans Nissen e Maria Reining nos principais papéis. A pérola maior, porém, é a gravação da ópera "Fidelio", de Beethoven, com Rose Bampton e Jan Peerce, gravada em 1944.



O maestro italiano Arturo Toscanini (1867-1957), em uma foto tirada em 53